



Universidade de Aveiro Departamento de Educação
2013

**TELMA FILIPA FÉLIX
TAVARES** **O CYBERBULLYING NO ENSINO SUPERIOR**

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Psicologia Forense, realizada sob a orientação científica do Doutor Carlos Fernandes, Professor Catedrático do Departamento de Educação da Universidade de Aveiro

Dedico este trabalho aos meus sobrinhos que me fazem sempre sorrir.

o júri

presidente

Professora Doutora Sandra Cristina de Oliveira Soares
Professora Auxiliar, Universidade de Aveiro

Doutora Isabel Maria Barbas dos Santos,
Professora Auxiliar Convidada Universidade de Aveiro

Prof. Doutor Carlos Fernandes
Professor catedrático do Departamento de Educação da Universidade de Aveiro

agradecimentos

A todos os alunos que voluntariamente participaram neste estudo e que tornaram possível a realização deste trabalho.

Aos grandes amigos que estiveram presentes e que acreditaram em mim antes de mim própria.

À Catarina Gonçalves, a minha amiga de sempre e para sempre. À Joana Coutinho, a sábia, que me aconselha e coloca os pés na terra. À Filipa Fontoura, a paciente, que compreende e me escuta. Ao Marcos Pinheiro, que me permitiu corroborar Aristóteles: “Nunca existiu uma grande inteligência sem uma veia de loucura.”.

À minha família que nunca duvidou das minhas capacidades.

À vida, que por mais partidas que pregue, coloca tudo sempre no local correto.

palavras-chave

Cyberbullying, jovens universitários, diferença de género.

resumo

O *cyberbullying* pode ser caracterizado por um comportamento agressivo e intencional. Aproximadamente 20 a 40% dos jovens afirmam serem vítimas de *cyberbullying* (Patchin & Hinduja, 2006) e cerca de 11% a 17% afirmam ter molestado alguém. O presente estudo pretende caracterizar o *cyberbullying* numa amostra da população universitária. Foi utilizado o Questionário de *Cyberbullying* no Ensino Superior (QCES) que apresenta 4 Subescalas que avaliam Vítimas, Agressores, Observadores de Agressores e Observadores das vítimas.

Na nossa amostra, com 229 indivíduos, 70,3 % (n=161) são do sexo feminino e 29,7 % (n=68) são do sexo masculino. Dos inquiridos que já foram vítimas deste tipo de agressão, 50,8 % frequentavam o ensino superior aquando da mesma. Nalguns dos resultados, a literatura ainda não é consensual. Como principal limitação deste estudo referimos o risco de a mesma pessoa poder responder mais do que uma vez ao questionário *online*, sem podermos controlar este efeito.

keywords

Cyberbullying, university students, gender differences.

Abstract

Cyberbullying can be characterized by an aggressive, intentional behavior. Approximately 20-40% of young people claim to be victims of cyberbullying (Patchin & Hinduja, 2006) and about 11% to 17% claim to have molested someone. The present study aims to characterize cyberbullying a sample of the university population. Questionnaire Cyberbullying in Higher Education (QCES) having 4 subscales that assess Victims, Perpetrators, Observers Perpetrators and victims observers was used. In our sample of 229 individuals, 70.3% (n = 161) were female and 29.7% (n = 68) were male. Of respondents who have been victims of this type of aggression, 50.8% were attending higher education at the same. Some results, the literature is not consensual. The main limitation of this study refer to the risk that the same person can respond more than once to the online questionnaire, without being able to control this effect.

Índice

| | |
|---------------|----|
| Introdução | 1 |
| Método | 4 |
| Participantes | 5 |
| Instrumentos | 6 |
| Procedimentos | 5 |
| Resultados | 5 |
| Discussão | 14 |
| Bibliografia | 21 |

Índice de Tabelas

| | |
|---|----|
| Tabela 1 –Autor da Cyber-Agressão na Subescala “Vítimas” | 15 |
| Tabela 2 - Tipos de Agressão na subescala Vítimas | 16 |
| Tabela 3 -O que a vítima sentiu. | 17 |
| Tabela 4 - Tipos de Cyber-Agressão na subescala dos Agressores | 17 |
| Tabela 5 – Sentimentos experimentados pelo agressor | 18 |
| Tabela 6 – Tipos de Cyber-Agressão na subescala dos Observadores | 19 |
| Tabela 7 – Como o “observador” impediu a ação | 20 |
| Tabela 8 – Tipos de Cyber-Agressão na subescala Observadores dos agressores | 21 |

Introdução

Anteriormente menosprezado, o fenómeno de *bullying* começou a ser encarado pela sociedade como danoso quer física, quer psicologicamente, sendo atualmente reconhecido como perigoso (Anderson & Sturm, 2007).

Um aluno é vítima de *bullying* quando é exposto ao longo do tempo e de forma repetida, a ações maliciosas por parte de um ou mais colegas (Olweus, 1993).

Das diversas definições de *bullying* presentes na literatura, todas apontam para a necessidade de coexistirem três fatores determinantes, sendo estes a intencionalidade, a repetição e a desigualdade de poder. São estes fatores que permitem a distinção entre os comportamentos que são definidos como *bullying* de outros fenómenos de violência. Nem todas as agressões são *bullying*, mas o *bullying* é sempre uma forma de agressão que inclui comportamentos hostis (Berger, 2007). Existem várias formas de *bullying* entre as quais o físico, verbal, psicológico, social/relacional; sexual; ataques à propriedade e o *cyberbullying* (Seixas, 2005).

Ainda é complexa a tarefa de definir um conjunto de fatores que expliquem, rigorosa e infalivelmente, as causas do *bullying*. Considera-se apenas que este pode ser potenciado por vários aspetos como o ambiente familiar desprovido de afeto, a exposição a modelos agressivos, a fraca interiorização de conceitos morais, a autoestima reduzida que proporciona reações excessivas e desproporcionadas, as fracas competências sociais, a necessidade de exercer sobre os outros mais fracos o mesmo tipo de controlo a que o indivíduo foi sujeito, o consumo de drogas e relações que estimulam a violência (Melim, 2011). As origens deste comportamento podem ser explicadas tanto por fatores individuais como ambientais, que constituem fatores de risco. Considerar que este fenómeno é desencadeado unicamente por características individuais de quem o pratica, acaba por ser reducionista, uma vez que o *bullying* ocorre sempre num contexto social (Frick, 2011).

É com o salto tecnológico das últimas duas décadas, que o *bullying* encontra um novo meio de disseminação adotando, assim, uma nova expressão, o *cyberbullying*.

O *cyberbullying*, de acordo com Kowalski, Limber e Agatston (2008), pode ser caracterizado por um comportamento agressivo e intencional, que envolve um desequilíbrio de força e poder. As vítimas reportaram sentir-se revoltadas, magoadas ou tristes, em comparação com as que não são alvo deste fenómeno já que, o ser humano tem uma necessidade básica de pertença a um grupo (Beran & Li, 2005).

A literatura revela-se ainda pouco consensual em alguns aspetos, o que se pode dever ao facto de o *cyberbullying* ser ainda um fenómeno muito recente e de os estudos serem muito díspares em relação às variáveis que analisa.

Relativamente aos atores do *cyberbullying*, uma vez que as características deste fenómeno são semelhantes às do *bullying*, podemos referir que as características das vítimas, das vítimas/agressores ou dos agressores, são idênticas. As *cyber*-vítimas são caracterizadas como sendo mais ansiosas, cuidadosas e inseguras, comparativamente a outros jovens (Aluede e col., 2008) mas não sendo porém, agressivas. O facto de apresentarem uma autoimagem agressiva e, conseqüentemente, negativa, fá-los mesmo acreditar que existe algo de errado com elas próprias, para sofrerem deste tipo de agressão (Roland, 2002).

Relativamente às *cyberbully*-vítimas, definem-se por um grupo que tanto experiencia como pratica *cyberbullying*, constituindo o grupo mais perigoso, uma vez que se trata de jovens altamente agressivos, que tanto manifestam a sua agressividade reactivamente como proactivamente (Salmivalli & Nieminen, 2002).

Os *cyberbullies* caracterizam-se por terem comportamentos agressivos, negativos e hostis, direccionados a um alvo, com vista a provocar, humilhar ou excluir a vítima; porém, não existe ainda um consenso na literatura em relação ao perfil dos mesmos. Segundo Strom e Strom (2006), enquanto no *bullying* frente a frente o agressor é fisicamente mais forte que a vítima, no *cyberbullying* pode acontecer o oposto, ou seja, o agressor é mais fraco que a *cyber*-vítima. Já Olweus (1993) refere que estes são impulsivos, têm gosto por fazer uso da força e possuem temperamentos fortes. No entanto, não refere que sejam necessariamente mais fracos que a *cyber*-vítima.

Apenas existe consenso relativamente à empatia: os *cyberbullies* sentem menos empatia pelas vítimas, uma vez que não assistem ao impacto das suas ações (Froese-Germain, 2008).

Segundo Amado, Matos, Pessoa e Jäger (2009) o conhecimento científico acerca do *cyberbullying* ainda tem um longo caminho a percorrer. As características do *cyberbullying* podem ser definidas tendo em conta quatro fatores que, segundo Pinheiro (2009), são a persistência, a pesquisabilidade, a replicabilidade e as audiências invisíveis. Relativamente à primeira característica, significa que tudo o que é dito ou colocado *online* fica registado para sempre. Já a pesquisabilidade, refere-se à possibilidade que qualquer pessoa tem, de

encontrar e aceder à informação que foi colocada *online*. Referindo agora a terceira característica, a replicabilidade é portanto, a capacidade de reproduzir toda a informação que é colocada *online*. Isto significa que tudo o que é publicado deixa de estar sobre o controlo da pessoa, podendo ser replicado e publicado noutros contextos. Por fim, as audiências invisíveis dizem respeito ao facto de não ser possível saber nem controlar as pessoas que vão ter acesso ao que é publicado. Por esta razão, é difícil prever as reações das pessoas a quem nos dirigimos dado não sabermos com quem partilhamos informação.

É ainda desigual a opinião da literatura no que se refere aos diferentes tipos de *cyberbullying* e de violência *online*. Para Willard (2007) existem diferentes manifestações desta realidade, sendo estas as lutas *online*, o assédio, a difamação, a representação/personificação, as partilhas pessoais e embaraçosas, a exclusão e a perseguição *online*. As lutas *online* consistem na utilização de mensagens ou comentários agressivos entre duas ou mais pessoas; trata-se do uso de linguagem abusiva, insultos e até mesmo ameaças (Willard, 2007).

O assédio trata-se de mensagens ofensivas que são enviadas de forma repetida e que se dirigem a um alvo individual. Podem ser enviadas através de correio eletrónico e como mensagens de texto, ou publicadas em contextos públicos. Este tipo de assédio tem um carácter mais permanente que as lutas *online* e é unidirecional, ou seja, partem do agressor para a vítima (Willard, 2007).

A difamação caracteriza-se por enviar ou postar rumores acerca de alguém, com o objetivo de interferir nas relações interpessoais dessa pessoa ou na sua reputação (Willard, 2007).

A representação/personificação ocorre quando alguém se faz passar por outra pessoa, conseguindo infiltrar-se na sua conta e envia ou publica material que deixa a vítima em perigo ou com má reputação perante a sua rede social pessoal (Willard, 2007).

Relativamente à partilha de assuntos pessoais, esta é conhecida na literatura como “*outing and trickery*”, que consiste em publicar assuntos íntimos ou informação embaraçosa acerca de uma pessoa. Geralmente a pessoa pensa que o está a fazer de forma privada, enquanto o agressor pretende publicar essa informação, podendo ainda usá-la para fins de chantagem (Willard, 2007). A exclusão, como o próprio nome indica, ocorre quando alguém expulsa outra pessoa de um grupo *online* deliberadamente; por fim, a perseguição *online* (*cyberstalking*) caracteriza-se pelo envio de mensagens maliciosas que incluem ameaças,

ofensas e tentativas de extorsão. Neste tipo de violência, o objetivo do agressor é também o de denegrir a imagem da vítima ou de destruir as suas amizades ou reputação (Willard, 2007). Hinduja e Patchin (2010) consideram que ignorar, desrespeitar ou incomodar a vítima são as formas menos frequentes de praticar o *cyberbullying*.

O presente estudo pretende caracterizar o *cyberbullying* numa amostra da população universitária e compreender se existem casos na mesma. Pretende-se também analisar qual o género que utilizou mais este tipo de agressão. De acordo com Finkelhor (2001), Olweus (1993) e Rigby (2002), é nos rapazes que se encontra maior prevalência de *bullying* direto, enquanto as raparigas parecem preferir o tipo indireto (Nanset al., 2001). Uma vez que o *cyberbullying* é um tipo de *bullying* indireto, é esperado que as raparigas se envolvam mais na dinâmica de *cyberbullying online* e os rapazes, no *bullying* tradicional.

Método

Participantes

Na presente amostra, com 229 indivíduos, 70,3% (n= 161) são do sexo feminino e 29,7% (n= 68) são do sexo masculino. As idades variam entre os 16 e os 46 anos, com uma média de idades de 22,9 anos e um desvio-padrão de 3,2. Os z-scores (estatística/erro padrão) são de 13,6 para a simetria e de 30,7 para o achatamento, o que é claramente uma distribuição não normal.

Relativamente às vítimas, 72,9% (n= 167) da nossa amostra nunca foram vítimas de *cyberbullying*, 26,2% (n= 60) foram vítimas algumas vezes e apenas 9% (n= 2) foram vítimas muitas vezes.

Relativamente às idades das sessenta e duas vítimas, variam entre os 17 e os 32 anos, com uma média de 23,1 anos e um desvio-padrão de 2,99. Os z-scores (estatística/erro padrão) são de 2,14 para a simetria e de 1,19 para o achatamento, isto é, trata-se de uma distribuição positivamente assimétrica e com achatamento normal ($z < 1.96$).

Quanto à escolaridade das vítimas, 50,8% (n= 30) são estudantes do ensino superior, 30,5% (n= 18) são estudantes do ensino secundário e 18,6% (n= 11) são alunos do ensino básico.

Quanto aos agressores, 93,4% (n= 214) dos participantes neste estudo nunca foram agressores, 5,2% (n= 12) foram agressores algumas vezes e apenas 1,3% (n= 3) foram agressores muitas vezes.

No que respeita às idades dos quinze agressores, variam entre os 19 e os 32 anos, com uma média de 23,6 anos e um desvio-padrão de 3,5. Os z-scores (estatística/erro padrão) são de 1,37 para a simetria e de 1,06 para o achatamento, isto é, trata-se de uma distribuição normal ($z < 1.96$).

Quanto à escolaridade dos 12 que também são agressores, 66,7% ($n = 8$) são estudantes do ensino secundário e 33,3% ($n = 4$) são alunos do ensino básico.

Os agressores e as vítimas não se distinguem quanto ao sexo ($\chi^2 = 5.426$; $gl = 2$; $p = .066$).

Instrumentos

O Questionário de *Cyberbullying* no Ensino Superior (QCES) foi desenvolvido na Universidade de Lisboa por Veiga Simão e colaboradores, no ano de 2012. O QCES apresenta quatro Subescalas que avaliam as Vítimas, Agressores, Observadores de Agressores e Observadores das vítimas. Relativamente ao QCES, verificou-se que possui boas qualidades psicométricas (alfa de *Cronbach* das subescalas variam entre 0,67 e 0,92, sendo que o valor alfa total é de .90).

Procedimentos

Após uma breve adaptação do QCES, foi colocado *online* para que os participantes pudessem começar a responder. Esteve *online* no período de 24 de Setembro de 2013 a 31 de Setembro de 2013, totalizando 229 respostas.

Uma vez que este é um novo instrumento para a identificação e avaliação do *cyberbullying* em estudantes do ensino superior, pode-se concluir que apresenta boas qualidades psicométricas que permitem a aplicação deste instrumento.

Resultados

Os resultados são apresentados por 4 grupos de participantes: Vítimas, Agressores, Observadores dos agressores e Observadores das vítimas.

Vítimas

No que diz respeito ao facto de as vítimas terem ou não acesso ou à identidade do presumível autor de *cyberbullying*, na presente amostra, 72,6% ($n = 45$) tiveram acesso a

uma identidade do autor (não necessariamente verdadeira) e 27,4% (n=17) não tiveram acesso à identidade do autor.

Partindo dos perfis dos presumíveis autores, 42,3% (n=22) identificaram como sendo rapazes, 28,8% (n= 15) identificaram como sendo um grupo misto (rapazes e raparigas), 21,2% (n= 11) identificaram como sendo raparigas e 7,7% (n= 4) não conseguiram identificar o sexo dos presumíveis autores (Tabela 1).

Tabela 1 – Autor da *Cyber-Agressão* na Subescala “Vítimas”

| | N | % | % acumulada |
|-------------|-----|-------|-------------|
| Não sei | 4 | 7,7 | 7,7 |
| Grupo misto | 15 | 28,8 | 36,5 |
| Rapariga | 11 | 21,2 | 57,7 |
| Rapaz | 22 | 42,3 | 100,0 |
| Total | 52 | 100,0 | |
| Total | 229 | | |

Das vítimas da presente amostra, 50,9% (n= 28) não conseguem suspeitar se se trata de colega de escola e 49,1% (n= 27) conseguem detetar que se tratará de colega de escola.

No que respeita às tecnologias usadas, 67,2% (n=41) foram vítimas de *cyberbullying* através do computador, 18% (n=11) foram através do computador e telemóvel e 14,8% (n=9) foram através de telemóvel.

Desta amostra, 50,8% (n=30) estava no ensino superior e 30,5% no ensino secundário (n=18).

Os modos de atuação que as vítimas referem que os agressores usaram foram em 58,3% (n=35) dos casos as redes sociais, 18,3% (n=11) dos casos foram as redes sociais e o telemóvel, 15% (n=9) dos casos foram através de SMS e MMS, 5% (n=3) foram através das redes sociais e do correio eletrónico e 3,3% (n=2) foram por correio eletrónico.

Quanto ao tipo de agressão, como se poderá verificar na Tabela 2, a ameaça e o insulto são as mais frequentes, seguidas, por ordem decrescente, pelos boatos, “gozarem com a vítima”, e finalmente a apropriação de identidade. Quase metade das ameaças, dos

boatos e o “gozarem com a vítima” ocorre algumas vezes, ao passo que quase 2/3 dos insultos ocorre algumas vezes.

Tabela 2 -Tipos de Agressão na subescala Vítimas

| Tipo de agressão | Total | Nunca | | Algumas vezes | | Muitas vezes | |
|------------------------|-------|-------|------|---------------|------|--------------|------|
| | | N | % | n | % | n | % |
| Ameaça | 50 | 25 | 50,0 | 22 | 44,0 | 3 | 6,0 |
| Assédio sexual | 54 | 34 | 63,0 | 19 | 35,2 | 1 | 1,9 |
| Boatos | 53 | 21 | 39,6 | 22 | 41,5 | 10 | 18,9 |
| Apropriação identidade | 50 | 35 | 70,0 | 11 | 22,0 | 4 | 8,0 |
| “Gozarem” | 51 | 21 | 41,2 | 23 | 45,1 | 7 | 13,7 |
| Insulto | 54 | 10 | 18,5 | 34 | 63,0 | 10 | 18,5 |

No que diz respeito ao que a vítima sentiu, pela Tabela 3 verifica-se que na presente amostra a maioria referiu “sentimentos negativos”, seguido de “sentimentos negativos e indiferença”.

Tabela 3 -O que a vítima sentiu

| | N | % | % acumulada |
|-------------|---|-----|-------------|
| Indiferença | 4 | 6,5 | 6,5 |

| | | | |
|-------------------------------------|-----|-------|-------|
| Sentimentos positivos | 1 | 1,6 | 8,1 |
| Sentimentos negativos | 45 | 72,6 | 80,6 |
| Surpresa | 1 | 1,6 | 82,3 |
| Sentimentos negativos e surpresa | 2 | 3,2 | 85,5 |
| Sentimentos positivos e indiferença | 1 | 1,6 | 87,1 |
| Sentimentos negativos e indiferença | 8 | 12,9 | 100,0 |
| Total | 62 | 100,0 | |
| Total | 229 | | |

Quanto a se agiram ou não, 78,7% (n= 48) atuaram e 21,3% (n= 13) não atuaram.

Agressores

Na subescala dos Agressores, 66,7% (n=10) refere que a vítima não era uma colega de escola conhecida ao invés de 33,3% da amostra (n=5) que revela o contrário. Quanto à tecnologia utilizada na agressão, 78,6% (n=11) da amostra refere ter utilizado o computador, seguido de 14,3% (n=2) que recorreu ao telemóvel e por último, 7,1% (n=1) que usou o computador e o telemóvel.

Em relação aos programas, 71,4% (n=10) usou as redes sociais, seguido de 21,4% (n=3) que utilizou o telemóvel.

Tabela 4 - Tipos de *Cyber*-Agressão na subescala dos Agressores

| Tipo de agressão | Total | Nunca | | Algumas vezes | | Muitas vezes | |
|----------------------------|-------|-------|------|---------------|------|--------------|------|
| | | N | % | n | % | n | % |
| Ameaça | 50 | 25 | 50,0 | 22 | 44,0 | 3 | 6,0 |
| Assédio sexual | 54 | 34 | 63,0 | 19 | 35,2 | 1 | 1,9 |
| Boatos | 53 | 21 | 39,6 | 22 | 41,5 | 10 | 18,9 |
| Apropriação identidade | 13 | 7 | 53,8 | 6 | 46,2 | 0 | 0,0 |
| “Gozarem” | 12 | 3 | 25 | 5 | 41,7 | 4 | 33,3 |
| Insulto | 14 | 1 | 7,1 | 9 | 64,3 | 4 | 28,6 |
| Possuía informação privada | 12 | 9 | 75 | 2 | 16,7 | 1 | 8,3 |
| Revelou dados privados | 11 | 84,6 | 2 | 15,4 | 13 | 0 | 0,0 |
| Apropriação de imagem | 12 | 10 | 83,3 | 2 | 16,7 | 0 | 0,0 |

Referente ao que o agressor julga que a vítima sentiu, com maior percentagem surgem os sentimentos negativos (71,4%; n=10), seguido de sentimentos negativos e surpresa com 21,4% (n=3).

Como principais motivos que levaram à agressão, os agressores referem a vingança, com 76,9% (n=10) seguida de “brincadeira” com 23,1% (n=3) (Tabela 4).

Quanto aos sentimentos experimentados pelo agressor estes referem os sentimentos negativos, com 42,9% (n=6) seguido de sentimentos positivos com 28,6% (n=4).

Tabela 5 – Sentimentos experimentados pelo agressor

| | N | % | % acumulada |
|-----------------------|-----|-------|-------------|
| Indiferença | 1 | 7,1 | 7,1 |
| Sentimentos positivos | 4 | 28,6 | 35,7 |
| Sentimentos negativos | 6 | 42,9 | 78,6 |
| Surpresa | 3 | 21,4 | 100,0 |
| Total | 14 | 100,0 | |
| Total | 229 | | |

Observadores das vítimas

Relativamente à escala dos observadores, 66,1% (n=74) destes referem que a agressão decorreu do uso do computador, seguido de 17,9% (n=20) que recorreram ao telemóvel e, por último, 16,1% (n=18) usaram o computador e o telemóvel como meio de praticar *cyberbullying*.

Relativamente ao programa utilizado, 58,2% da amostra relata que observaram as agressões a ocorrerem nas redes sociais, seguido de 22,7% (n=25) que relata ter observado quer através das redes sociais quer através do telemóvel.

Quanto ao ano escolar 42,9% (n=48) observaram uma ou mais agressões enquanto frequentavam o ensino superior, seguido de 39,3% (n=44) que frequentavam o ensino secundário.

Tabela 6 – Tipos de *Cyber-Agressão* na subescala dos Observadores

| Tipo de agressão | Total | Nunca | | Algumas vezes | | Muitas vezes | |
|-------------------------|-------|-------|------|---------------|------|--------------|------|
| | | N | % | n | % | n | % |
| Ameaça | 95 | 50 | 52,6 | 36 | 37,9 | 9 | 9,5 |
| Assédio sexual | 97 | 57 | 58,8 | 26 | 26,8 | 14 | 14,4 |
| Boatos | 102 | 17 | 16,7 | 54 | 52,9 | 31 | 30,4 |
| Apropriação identidade | 93 | 55 | 59,1 | 21 | 22,6 | 17 | 18,3 |
| “Gozarem” | 99 | 13 | 13,1 | 50 | 50,5 | 36 | 36,4 |
| Insulto | 27 | 4 | 14,8 | 10 | 37,0 | 13 | 48,1 |
| Possui dados privados | 94 | 33 | 35,1 | 40 | 42,6 | 21 | 22,3 |
| Divulgou dados privados | 95 | 34 | 35,8 | 38 | 40,0 | 23 | 24,2 |
| Usou a imagem | 94 | 42 | 44,7 | 24 | 25,5 | 28 | 29,8 |

O tipo de agressão mais observada foi os “boatos” com 52,9% (n=54), “gozarem” com 50,5% (n=50), possuírem dados privados acerca da vítima com 42,6% (n=40) e foi muitas vezes observado o “insulto” com 48,1% (n=13) (tabela 6).

Relativamente ao que os observadores do *cyberbullying* acham que as vítimas sentiram, com maior percentagem aparecem os sentimentos negativos com 92,0% (n=104) seguido da surpresa com 6,2% (n=7) e por último a indiferença com 1,8% (n=2).

Quanto à atitude do observador em relação à agressão, 50,4% (n=58) não fizeram nada para impedir a agressão ao invés de 49,6% (n=57) que tomaram uma atitude referente ao sucedido.

Dos observadores, 27,8% (n=15) adotaram como atitude apoiar a vítima e falar com os pais da mesma. De seguida, a atitude mais adotada perante a agressão incluiu uma ou mais ações entre “perceber a gravidade da situação; apoiar a vítima; contar a alguém” e “falar com os pais da vítima”. Por último, 16,7% (n=9) foi tentar perceber e avaliar a gravidade da situação (Tabela 7).

Tabela 7 – Como o “observador” impediu a ação.

| | N | % | % acumulada |
|---|-----|-------|-------------|
| Tentou perceber a gravidade | 9 | 16,7 | 16,7 |
| Apoiou a vítima | 15 | 27,8 | 44,4 |
| Contou a alguém | 3 | 5,6 | 50,0 |
| Falou com os pais da vítima | 15 | 27,8 | 77,8 |
| Uma ou mais ações das opções anteriores | 12 | 22,2 | 100,0 |
| Total | 54 | 100,0 | |
| Total | 229 | | |

Observadores dos agressores

Na última subescala, a dos observadores dos agressores, 84,0% (n=179) da amostra referiu não conhecer a identidade de nenhum *cyberbullie* e 16,0% (n=34) afirmaram ter conhecimento da identidade de um *cyberbullie* que exerceu uma agressão.

Relativamente à tecnologia utilizada, os observadores dos agressores afirmaram que 60% (n=18) dos casos utilizou como ferramenta o computador, seguido da utilização do computador e do telemóvel em simultâneo com uma percentagem de 26,7 (n=8) e, por último, apenas o telemóvel como ferramenta com 13,3% (n=4).

Quanto ao programa utilizado, os observadores dos agressores referem que em mais de metade dos casos, foram as redes sociais com uma percentagem de 56,7% (n=17), seguido das redes sociais utilizadas em conjunto com o telemóvel com 23,3% (n=7) e, por último, com 13,3% (n=4), o telemóvel.

Relativamente ao ano escolar que o observador do agressor frequentava no momento da(s) agressão(ões), mais de metade (51,7%; n=15) frequentava o ensino secundário, seguido de 41,4% (n=12) que frequentava o ensino superior.

Tabela 8 – Tipos de Cyber-Agressão na subescala Observadores dos agressores

| Tipo de agressão | Total | Nunca | | Algumas vezes | | Muitas vezes | |
|-------------------------|-------|-------|------|---------------|------|--------------|------|
| | | N | % | n | % | n | % |
| Ameaça | 28 | 3 | 10,7 | 10 | 35,7 | 15 | 53,6 |
| Assédio sexual | 25 | 19 | 76 | 4 | 16 | 2 | 8 |
| Boatos | 30 | 5 | 16,7 | 14 | 46,7 | 11 | 36,7 |
| Apropriação identidade | 28 | 13 | 46,4 | 10 | 35,7 | 5 | 17,9 |
| “Gozarem” | 51 | 21 | 41,2 | 23 | 45,1 | 7 | 13,7 |
| Insulto | 27 | 4 | 14,8 | 10 | 37,0 | 13 | 48,1 |
| Possui dados privados | 27 | 8 | 29,6 | 13 | 48,1 | 6 | 22,2 |
| Divulgou dados privados | 26 | 9 | 34,6 | 10 | 38,5 | 7 | 26,9 |
| Usou a imagem | 27 | 13 | 48,1 | 7 | 25,9 | 7 | 25,9 |

Em relação ao tipo de agressão, 53,6% (n=15) observaram ameaças, 48,1% (n=13) insultos e 36,7% observaram boatos (Tabela 8).

Relativamente ao que os observadores dos agressores acham que a vítima sentiu, salientam-se os sentimentos negativos com 71,4% (n=20) seguida da indiferença, sentimentos positivos, surpresa e sentimentos negativos associados à surpresa, todas com o valor de 7,1% (n=2).

Quanto à atitude dos observadores dos agressores, mais de metade afirma ter tomado uma atitude (57,1%; n=16) ao invés de 42,9% (n=12), que afirma não ter tomado qualquer atitude em relação à agressão observada.

Em relação à atitude adotada, 37,5% (n=6) tentou dissuadir o agressor, 31,3% (n=5) preveniu a vítima e 18,8% (n=3) denunciou o agressor.

Relativamente a quem pode ajudar, quase metade dos observadores dos agressores referem que “6” seguido dos amigos, pais e colegas, com 25,7% (n=57).

Discussão

Atualmente são várias as pesquisas sobre o *cyberbullying* onde se encontram descritas as medidas elaboradas na prevenção e intervenção neste tipo de situações. Estas medidas têm como cerne: a criação de leis, regras e políticas que regulem a utilização dos meios de comunicação; a criação de programas curriculares direcionados para a educação dos jovens acerca da utilização responsável da internet; formas de lidar com o *cyberbullying* caso este ocorra e, a criação de abordagens tecnológicas para prevenir ou minimizar os efeitos do *cyberbullying* (Snakenborg, Acker & Gable, 2011 cit. em Andrade, 2012).

Muitas vezes desvalorizada, a vitimização *online* não é um mero problema vulgar. Alguns estudos internacionais realizados na área do *cyberbullying* têm encontrado resultados consistentes (Andrade, 2012). Aproximadamente 20 a 40% dos jovens afirmam serem vítimas de *cyberbullying* (Patchin & Hinduja, 2006); cerca de 11% a 17% dos estudantes afirmam ter molestado alguém; 1/4 dos estudantes, entre 19% a 29%, admitem terem sido vítimas de *cyberbullying* (Li, 2007 cit. em Andrade, 2012).

Relativamente a um dos objetivos deste estudo (a diferença de géneros) esta é corroborada por alguns estudos porém, a literatura ainda não é consensual. Era esperado que os agressores fossem maioritariamente do sexo feminino porém, os autores das agressões indicados pelos inquiridos (que já foram vítimas), são 42,3% (n=22) do sexo masculino e 21,2% (n=11) do sexo feminino (os restantes, pertencem a um grupo misto de agressores). Dilmaç (2009 cit. em Francisco, 2012) tinha como objetivo perceber as necessidades psicológicas preditoras de *cyberbullying* e com esse intuito, avaliou 666 estudantes da Faculdade de Educação da Universidade de Selcuk. Os rapazes relatam mais comportamentos de *cyberbullying* do que as raparigas, ou seja, existem mais agressores rapazes do que raparigas, contudo, as raparigas estão mais frequentemente expostas a situações de *cyberbullying* do que os rapazes. Verifica-se assim uma percentagem de vítimas e agressores-vítimas maior nas raparigas. Comprovaram-se diferenças entre os géneros no comportamento podendo concluir-se que os rapazes evidenciam uma maior tendência para serem agressores (Andrade, 2012).

No estudo de Slonje e Smith (2008) com estudantes entre os 12 e os 20 anos verificase que 36.2% das agressões foi perpetrada por rapazes e 12.1% por raparigas. Estas

diferenças poderão relacionar-se com questões culturais. Wade e Beran (2011) verificaram que, relativamente aos comportamentos de agressão, não existem diferenças significativas entre os dois géneros em nenhum dos tipos de *cyberbullying*. Ao confrontar os resultados obtidos neste estudo com as demais investigações pesquisadas, deparámo-nos com algumas dificuldades ao nível das diferenças significativas para a variável género. Isto porque o tipo de comportamentos avaliados nem sempre é o mesmo e ainda, devido à inconsistência destas diferenças. Existem vários estudos onde não foram encontradas diferenças de género ao nível dos comportamentos de *cyberbullying* (Beran & Li, 2005 cit. em Ortega, Calmaestra & Mora-Merchán, 2008, cit. em Smith, Mahdavi, Carvalho, Fisher, Russell, & Tippett, 2008 cit. em Francisco, 2012).

Neste estudo foram inquiridos 62 estudantes que se identificaram como vítimas e 15 como agressores. No estudo nacional de Francisco (2012) consta-se também que a percentagem de vítimas excedia a de agressores, o que vai ao encontro dos resultados de outros autores (Li, 2007 cit. em Kowalski & Limber, 2007, cit. em Raskauskas & Stoltz, 2007, cit. em Francisco, 2012).

Relativamente a outro dos objetivos deste estudo, confirma-se que existe *cyberbullying* no Ensino Superior. Dos inquiridos que já foram vítimas deste tipo de agressão, 50,8% (n=59) frequentavam o ensino superior aquando da mesma. Estes resultados vão de encontro ao estudo feito na Faculdade de Psicologia na Universidade de Lisboa por Francisco (2012). Os resultados de Finn (2004, cit. em Francisco, 2012) revelaram que entre 10 a 15% de 339 estudantes da Universidade de New Hampshire relataram terem sido vítimas de *cyberbullying*. No estudo de Schenk e Fremouw (2012), foi avaliada a prevalência, o impacto psicológico e as estratégias de *coping* utilizadas em vítimas de *cyberbullying* no ensino superior (Estados Unidos). Da totalidade da amostra (N=799), 69 (8.6%) foram vítimas de *cyberbullying*, 50 do sexo feminino (8.7%) e 19 do sexo masculino (8,4%). Chapell e colaboradores (2004) aplicaram um questionário de *bullying* a uma amostra de 1025 estudantes universitários. Estes autores descobriram que: 24,7% dos alunos tinham observado ocasionalmente outros alunos a intimidar alguém; 2,8% tinham observado muito frequentemente; 5% tinham sido agredidos ocasionalmente e 1,1% haviam sido agredidos muito frequentemente.

Chapell e colaboradores (2006) investigaram a continuidade entre ser agressor, vítima ou agressor-vítima desde a escola primária até à faculdade, em 119 estudantes universitários. Foi encontrada uma correlação significativa entre ser agressor na universidade, no ensino secundário e ensino básico (com 21% dos alunos tendo sido vítima de *bullying*). Dos estudantes vítimas na universidade, 72% foram intimidados na escola secundária e básica. Dos estudantes agressores na universidade, 53.8% tinham anteriormente sido agressores no secundário e básico. E finalmente, dos agressores-vítimas na universidade, 41.6% tinha repetido o mesmo padrão na escola secundária e básica. Atendendo a este cenário, os centros de aconselhamento universitários relatam preocupações crescentes relacionadas com depressão, ansiedade e ideação suicida em alunos universitários (Chapell, 2006). Apesar do estudo de Chapell (2006) referir o *bullying*, considerou-se importante referi-lo dado confirmar a repetição do ciclo de agressões envolvidas no mesmo. Além disso, é um dos escassos estudos que associa *bullying* e ensino universitário. Atendendo à relação existente entre *bullying* e *cyberbullying*, pode ser importante ter uma visão geral de como o *bullying* afeta os estudantes universitários, de forma a entender melhor o *cyberbullying* nesta população menos estudada (Francisco, 2012).

Neste estudo é possível concluir que o computador foi o meio mais utilizado para exercer, sofrer e observar *cyberbullying* (Vítimas com 67,2% (n=41); Agressores com 78,6% (n=11); Observadores das vítimas com 66,1% (n=74) e Observadores dos Agressores com 60% (n=18)). Este resultado não é consensual com os vários estudos existentes, o que pode dever-se a uma expressão muito recente deste fenómeno. De acordo com Almeida, Correia, Gomes, Garcia e Marinho (2008) este estudo revelou que foi através do uso da internet (computador), que 6% a 4% se envolveram em *cyberbullying* como vítimas e 2% e 4%, como agressores (raparigas e rapazes, respetivamente). O segundo meio mais utilizado foi o telemóvel, 6% das raparigas e 3% dos rapazes foram vítimas (em contraste com 3% e 5% que foram agressores). Já num estudo mais recentemente, denominado CRC (Conferência sobre Redes de Computadores, 2010), que envolveu 4441 jovens, (idades entre os 10 e os 18 anos, em 37 escolas) concluiu-se que o telemóvel é uma forma privilegiada da prática de *cyberbullying*, tendo sido utilizado por 83% dos jovens, pelo menos uma vez na última semana, antes de este estudo ter sido

efetuado. Estes resultados são também corroborados por Francisco (2012). No seu estudo, que envolveu 349 estudantes da Universidade de Lisboa, as agressões foram perpetradas principalmente através de computador (68.8% pelos Agressores e 80.9%, Observadores dos Agressores).

É consensual em todas as subescalas que o “espaço” mais utilizado para propagar o *cyberbullying* são as redes sociais (Vítimas com 58,3% (n=35), Agressores com 71,4% (n=10), Observadores das vítimas com 58,2% (n=64) e Observadores dos agressores com 56,7% n=17)). Este resultado é corroborado pela literatura. De alguns dos estudos transversais que foram desenvolvidos, destaca-se o de Patchin e Hinduja (2006) que envolveu participantes dos EUA (59,1%), do Canadá (12%) e do Reino Unido (9,1%). Os autores concluíram que: 11% com idade inferior a dezoito anos, se identifica como agressor de *cyberbullying*; 29% como *cyber-vítima* e 47% como testemunha. Os meios mais populares nomeados foram as salas de *chat* das redes sociais (21,9%), as SMS (13,5%) e o correio eletrónico (12,8%). Akbulut e Eristi (2011) investigaram a extensão do *cyberbullying* e vitimização em 254 estudantes universitários turcos. Os resultados deste estudo revelam que 54% dos estudantes indicava conhecerem alguém vítima de *cyberbullying*. As tecnologias mais frequentemente utilizadas foram: *Facebook* (56%); telemóveis (45%) e mensagens instantâneas (43%). Onze por cento dos estudantes inquiridos referiam ter sido vítimas de *cyberbullying* na universidade, e as tecnologias mais regularmente utilizados foram o *Facebook* (64%), telemóveis (43%) e mensagens instantâneas (43%).

Concluíram ainda que, ao nível das redes sociais, o *Facebook* é preferido sobre o *Myspace*, e o *Twitter* é o menos popular deste grupo (CRC, 2010).

Relativamente ao tipo de agressão exercida, sofrida e observada, os valores mantêm-se unânimes em todas as escalas. O insulto, seguido da ameaça e dos boatos, foi o tipo de agressão que apresentou valores mais altos. No estudo realizado por Wade e Beran (2011), com uma amostra de 529 alunos, concluiu-se que 21,9% dos alunos alegam ter sido vítimas de, pelo menos, uma forma de *cyberbullying* nos últimos 3 meses. Os tipos de *cyberbullying* mais reiterados incluem o insulto (30,3%), os boatos (22,8%), fazer-se passar pela vítima (16,1%), ser ameaçado (13%) e receber conteúdo sexual indesejado

(11,5%). Já em relação aos agressores, 29,7% relatam terem cometido atos de *cyberbullying* nos últimos 3 meses. As formas mais utilizadas de exercerem este tipo de *bullying*, incluem o insulto (20,1%), imitar alguém *online* (13,2%) e espalhar boatos (9,9%). Juvonen e Gross (2008) desenvolveram um estudo que envolveu 50 estados dos EUA, num total de 1454 alunos, onde se concluiu que 72% dos participantes já se envolveu em *cyberbullying* pelo menos uma vez na vida, cometido através de insultos (66%) e de roubo de *password* (33%). Também Akbulut e Eristi (2011) referem que aproximadamente 25% dos agressores revelavam motivos como: “para me vingar” e “ter sido vítima anteriormente”. Verifica-se que estas duas respostas se referem a tipos de *cyberbullying* como resposta a uma vitimização anterior, podendo relacionar-se com retaliação de vitimização de *bullying* e/ou de *cyberbullying*.

Em todas as escalas os sentimentos negativos (ciúme; culpa; desprezo; inferioridade; inveja; insegurança; raiva; medo; tristeza), tiveram uma alta preponderância (Vítimas com 72,6% n = 45; Agressores com 71,4% (n=10); Observadores das vítimas com 92% (n=104) e Observadores dos agressores com 71,4% (n=20)). A literatura é consensual quando refere que os efeitos do *cyberbullying* podem ser mais devastadores do que as agressões que ocorrem presencialmente. As razões que sustentam esta afirmação referem-se ao fato de as ações se encontrarem expostas a um maior número de pessoas na *internet*, serem de carácter permanente e, devido ao fato de a vítima se encontrar repetidamente exposta a este tipo de situações (pois o agressor pode atuar em qualquer altura e em qualquer lugar) (Campell, 2005). A agressão e a perseguição psicológicas podem ter profundas sequelas, entre as quais se pode destacar a depressão, tensão, desconfiança, insegurança, baixa autoestima, o *stress* e também a ansiedade social (Anderson & Sturm, 2007). Tal como no mundo real, a exclusão do mundo cibernético pode ter graves impactos emocionais no indivíduo já que, a maioria do comportamento social é guiado pela vontade de ser aceite pelos outros (Williams, Cheung & Choi, 2000).

É cada vez maior o número de jovens alvo de *cyberbullying*, estimando-se a variação entre 19% a 42% de jovens agredidas *online*, pelo menos uma vez (Twyman et al., 2010). De acordo com estes autores, os jovens que são agressores ou vítimas de *bullying* estão a ficar mais envolvidas na prática do *cyberbullying*, tornando-se vítimas/agressoras num contexto de *cyberbullying*. Beran e Li (2005) estimam que a prevalência da vitimização

online esteja entre os 6% e os 35%, sendo que neste contexto existe maior probabilidade de retaliação e defesa (Twyman et al., 2010).

Relativamente aos agressores, os principais motivos apontados para praticarem *cyberbullying* foram a vingança (76,9%, n=10) e ter sido encarado como uma brincadeira (41,7%, n=5). Estes afirmam terem experimentado sentimentos negativos (42,9%, n= 6). A literatura ainda não é consensual neste ponto.

De acordo com Mitchell, Ybarra e Finkelhor (2007) bem como Juvonen e Gross (2008), os papéis assumidos no *bullying*, mantêm-se no *cyberbullying*, ou seja, a tipologia das vítimas, vítimas/agressores e agressores será a mesma, nos dois contextos. Já Raskaukas e Stoltz (2007) defendem que a criança/jovem vitimizada na escola poderá assumir o papel de agressora, numa situação de *cyberbullying*. O mesmo porém, pode ser direcionado aleatoriamente tanto contra conhecidos como desconhecidos, o que, neste caso, não remete para a questão de vingança, mas sim para um tipo de agressão deslocada. Mitchell e Ybarra (2004) discutiram ainda que, enquanto para alguns *cyberbullying* era uma extensão do recreio, alguns usam-na de forma a compensar a sua fragilidade física (que os impede de se tornarem agressores tradicionais), de modo a dominar outros.

As vítimas podem procurar retribuição através dos meios tecnológicos (Ybarra & Mitchell, 2004), tornando-se assim agressoras (Hinduja & Patchin, 2010), uma vez que a *internet* possibilita a igualdade de características e diminui a intimidação, a nível físico (Kowalski & Limber, 2007). Kowalski (2008) caracteriza este tipo de *cyberbullies* como indivíduos que podem ter sido alvo de *bullying*, (mais fracos que os seus pares) e que utilizam agora a tecnologia para compensar essa fragilidade. De acordo com Ybarra e Mitchell (2004), é também com base nesta diferença de poder assimétrico entre o *bullying* e o *cyberbullying* que se pode explicar porque é que os agressores físicos nem sempre são *cyberbullies* e vice-versa.

Relativamente à atitude a tomar quando se é vítima ou se tem conhecimento de vítimas de *cyberbullying*, uma grande percentagem da amostra revelou não ter tomado nenhuma atitude que também vai de encontro à literatura atual (excluindo a escala das Vítimas). Nas escalas Observadores das vítimas 50,4% (n=58) e Observadores dos agressores, 49,2% (n=12) não tomaram nenhuma atitude. Na subescala das Vítimas, 78,7%

(n=48) refere ter tomado uma atitude perante a agressão, o que não é corroborado pela literatura. Li (2007) refere que são poucas as vítimas que tomam alguma atitude que tenha em vista reduzir o *cyberbullying*. Apenas 1 a 9% das vítimas conta aos seus pais que está a ser alvo de *cyberbullying* (Slonje & Smith, 2008). O facto de os jovens temerem contar estas situações a um adulto pode dever-se a várias razões: estes acreditam que devem ser capazes de aprender a gerir eficazmente os problemas que surgem do uso das TIC; o pedido de ajuda a um adulto pode ser encarado pelas vítimas como algo infantil, só usado pelas “crianças”; e, por fim, as vítimas recearem que os pais limitem o uso da *internet* (Juvoven & Gross, 2008 cit. em Tokunaga, 2010). De acordo com o estudo Slonje e Smith (2008) verificaram que 50% dos estudantes não contou a ninguém, 35.7% contou a um amigo, 8.9% aos pais e 5.4% a outra pessoa (os professores nunca foram referidos).

Snakenborg, Acker e Gable (2011) defendem que o procedimento ensinado aos alunos vítimas de *cyberbullying* é composto por quatro passos: “*Stop, Save, Block, Tell*”. Relativamente ao primeiro ponto, significa que a vítima deve evitar responder ao agressor, dado que se o fizer só estará a contribuir para agravar a situação. De seguida, a vítima deve guardar, sempre que possível, o correio eletrónico, a mensagem de texto, a fotografia ou o que quer que seja que o agressor lhe tenha enviado/publicado. Isto constitui a prova contra o *cyberbullie* e, será útil na identificação e na possibilidade de bloquear qualquer ação da sua parte. Por fim, a vítima deve contar o que está a acontecer a um adulto da sua confiança. Assim sendo, é importante que tanto na escola como em casa exista um ambiente em que a vítima se sinta confortável para expor e falar sobre estas situações de violência.

Como principal limitação deste estudo referimos o risco de a mesma pessoa poder responder mais do que uma vez ao questionário *online*, sem podermos controlar este efeito. Não efetuámos testes de relações entre variáveis, dado que o objetivo do estudo foi exploratório e para caracterizar os perfis das vítimas e agressores que têm acesso a este modo de resposta (por plataforma) a um questionário.

Referências Bibliográficas

- Almeida, L. S., & Freire, T. (2007). *Metodologia da Investigação em Psicologia e Educação* (4ª Ed.). Braga: Psiquilíbrios Edições.
- Almeida, A., Correia, I., Esteves, C., Gomes, S., Garcia, D., & Marinho, S. (2008). Espaços virtuais para maus tratos reais: As práticas de *cyberbullying* numa amostra de adolescentes portugueses. Astor, R. A., Debardieux, E. e Neto, C. (editores). IV Conferência Mundial. Violência na Escola e Políticas Públicas. Cruz Quebrada: FMH, 2008
- Andrade, L. C. F. (2012). Bullying e Cyberbullying, Um estudo num contexto escolar particular cooperativo. Universidade da Madeira - Psicologia da Educação.
- Aluede, O., Adeleke, F., Omoike, D., & Afen-Akpaida, J. (2008). A review of the extent, nature, characteristics and effects of bullying in schools. *Journal of Instructional Psychology*, 35, 151-158.
- Amado, J., Matos, A., Pessoa, T., & Jäger, T. (2009). Cyberbullying: um desafio à investigação e à formação, *Interacções*, 13, 301-326.
- Anderson, T., & Sturm, B. (2007). Cyberbullying from playground to computer. *Young Adult Library Services*, 24-27.
- Akbulut, Y., & Eristi, B. (2011). Cyberbullying and victimisation among Turkish university students. *Australasian Journal of Educational Technology*, 27(7), 1155-1170.
- Beran, T., & Li, Q. (2005). Cyber-harassment: A study of a new method for an old behavior. *Journal of Educational Computing Research*, 32(3), 265-77.
- Beran, T., & Li, Q. (2007). The Relationship between Cyberbullying and School Bullying. *Journal of Student Wellbeing*, 1(2), 15-33.
- Berger, K. S. (2007). Update on bullying at school: Science forgotten? *Developmental Review*, 27, 90-126.
- Campbell, M. (2005). Cyberbullying: An Old Problem in a New Guise? *Australian Journal of Guidance and Counselling*, 15, 68-76.
- Chapell, M.S., Hasselman, S.L., Kitchin, T., Lomon, S.N., MacIver, K.W., & Sarullo, P.L. (2006). Bullying in elementary school, high school, and college. *Adolescence*, 41(164), 633-648.
- Dehue, F., Bolman, C., & Vollink, T. (2008). Cyberbullying: Youngsters' experiences and parental perception. *CyberPsychology & Behavior*, 11, 217-223.

- Dilmaç, B. (2009). Psychological Needs as a Predictor of Cyber bullying: a Preliminary Report on College Students. *Educational Sciences: Theory & Practice*, 9(3), 1307-1325.
- Francisco, S., Mateus (2012). Cyberbullying, A faceta de um fenómeno em jovens universitários portugueses. Dissertação de Mestrado. Universidade de Lisboa. Faculdade de Psicologia
- Frick, L. T. (2011). As relações entre os conflitos interpessoais e o bullying: um estudo nos anos iniciais do ensino fundamental de duas escolas públicas. Dissertação de Pós-Graduação. Universidade Estadual Paulista.
- Hinduja, S., & Patchin, J. W. (2010). Bullying, Cyberbullying, and Suicide. *Archives of Suicide Research*, 14(3), 206-221.
- Juvonen, J., & Gross, E. F. (2008). Bullying experiences in cyberspace. *The Journal of School Health*, 78(9), 496–505.
- Li, Q. (2007). New bottle but old wine: A research of cyberbullying in schools. *Computers and Human Behavior*, 23, 1777–1791.
- Melim, F. M. (2011). Na escola, tu és feliz? Estudo sobre as manifestações e implicações do bullying escolar. Dissertação de Doutoramento. Universidade do Minho.
- Mitchell, K., Ybarra, M., & Finkelhor, D. (2007). The relative importance of online victimization in understanding depression, delinquency, and substance use. *Child maltreatment*, 12(4), 314-324.
- Olweus, D. (1993). *Bullying at school: What we know and what we can do*. Oxford: Blackwell.
- Olweus, D., & Limber, S. P. (2010). Bullying in School: Evaluation and Dissemination of the Olweus Bullying Prevention Program. *American Journal of Orthopsychiatry*, 80(1), 124-134.
- Patchin, J. W., & Hinduja, S. (2006). Bullies move beyond the schoolyard: A preliminary look at cyberbullying. *Youth Violence and Juvenile Justice*, 4, 148-169.
- Patchin, J. W., & Hinduja, S. (2010). Cyberbullying and Self-Esteem. *Journal of School Health*, 80(12), 614-621.
- Pinheiro, L. O. (2009). Cyberbullying em Portugal: uma perspectiva sociológica. Tese de Mestrado. Universidade do Minho.
- Seixas, S. R. (2005). Violência escolar: Metodologias de identificação dos alunos agressores e/ou vítimas. *Análise Psicológica*, 2(23), 97-110.

- Seixas, S. R. (2006). Comportamentos de bullying entre pares. Bem estar e ajustamento escolar. Dissertação de Doutoramento. Universidade de Coimbra - Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação
- Seixas, S. R. (2009). Diferenças de género nos comportamentos de Bullying: contributos da neurobiologia. *Interacções*, 13, 63-97.
- Schenk, A.M., & Fremouw, W.J. (2012). Prevalence, Psychological Impact, and Coping of Cyberbully Victims Among College Students. *Journal of School Violence*, 11(1), 21-37.
- Snakenborg, J., Acker, R. V., & Gable, R. A. (2011). Cyberbullying: Prevention and Intervention to Protect Our Children and Youth. *Preventing School Failure*, 55(2), 88-95.
- Solberg, M., & Olweus, D. (2003). Prevalence estimation of school bullying with the Olweus Bully/Victim Questionnaire. *Aggressive Behavior*, 29(3), 239-268.
- Souza, R. G. (2010). Bullying no contexto escolar: intimidação entre pares. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Strom, P. S., & Strom, R. D. (2006): Cyberbullying by Adolescents: A Preliminary Assessment. *The Educational Forum*, 70(1), 21-36.
- Tokunaga, R. S. (2010). Following you home from school: A critical review and synthesis of research on cyberbullying victimization. *Computers in Human Behavior*, 26, 277–287.
- Wade, A., & Beran, T. (2011). Cyberbullying: The New Era of Bullying. *Canadian Journal of School Psychology*, 26(1), 44–61.
- Willard, N. (2007). Cyberbullying and Cyberthreats: Responding to the challenge of online social cruelty, threats, and distress. Eugene, Oregon: Center for Safe and Responsible Internet Use.
- Finkelhor, D., Ormrod, R., Turner, H., & Hamby, S. L. (2005). The victimization of children and youth: A comprehensive, national survey. *Child Maltreatment*, 10, 5–25.
- Froese-Germain, B. (2008). Bullying gets digital shot-in-the-arm. *Educational Canada*, 48(4), 44-47.
- Francisco, S. M. (2012). *Cyberbullying, A faceta de um fenómeno em jovens universitários portugueses*. Universidade de Lisboa - Faculdade de Psicologia.
- Juvonen, J., & Gross, E. F. (2008). Extending the school grounds? Bullying experiences in cyberspace. *Journal of School Health*, 78(9), 496-505.

- Kowalski, R., & Limber, S. P. (2007). Electronic bullying among middle school students. *Journal of Adolescents Health*, 41, 522-530.
- Kowalski, R., Limber, S. P., & Agatston, P. W. (2008). *Cyberbullying: Bullying in Digital Age*. Blackwell.
- Li, Q. (2008). A cross-cultural comparison of adolescent's experience related to cyberbullying. *Educational Research*, 50-3, 223-234.
- Mitchell, K., Ybarra, M., & Finkelhor, D. (2007). The relative importance of online victimization in understanding depression, delinquency and substance use. *Child Maltreatment*, 12(4), 314-324.
- Patchin, J. W., & Hinduja, S. (2006). Bullies move beyond the schoolyard: A preliminary look at cyberbullying. *Youth Violence and Juvenile Justice*, 4, 148-169.
- Raskaukas, J., & Stoltz, A. (2007). Involvement in traditional and electronic bullying among adolescents. *Development Psychology*, 43(3), 564-575.
- Rigby, K. (2002). *New Perspectives on Bullying*. London: Jessica Kingsley.
- Roland, E. (2002). Bullying, depressive symptoms and suicidal thoughts. *Educational Research*, 44(1), 55-67.
- Salmivalli, C., & Nieminen, E. (2002). Proactive and reactive aggression among school bullies, victims and bully-victims. *Aggressive Behavior*, 28, 30-44.
- Seixas, S. (2005). Violência escolar: Metodologias de identificação dos alunos agressores e/ou vítimas. *Análise Psicológica*, 2 (XXIII), 97-110.
- Twyman, K., Saylor, C., Taylor, L. A., & Comeaux, C. (2010). Comparing Children and Adolescents Engaged in Cyberbullying to Matched Peers. *Cyberpsychology, Behavior and Social Networking*, 13 (2), 195-199.
- Williams, K., Cheung, C. K. T., & Choi, W. (2000). Cyberostracism: Effects of being ignored over the Internet. *Journal of Personality and Social Psychology*, 79, 748-762.
- Ybarra, M., & Mitchell, K. (2004). Youth engaging in online harassment: Associations with caregiver-child relationships, internet use and personal characteristics. *Journal of Adolescents*, 2(3), 319-336.
- Ybarra, M., Mitchell, K. J., Wolak, J., & Finkelhor, D. (2006). Examining characteristics and associated distress related to internet harassment: findings from the second Youth Internet Survey. *Pediatrics*, 118 (4), 1169-1177.